

## Notas sobre uma nova lâmina áurea de tiras do Norte de Portugal

Lois Ladra<sup>1</sup>  
Armando Coelho F. Silva<sup>2</sup>  
Maria José Sousa<sup>3</sup>

### ABSTRACT:

Notes about a new golden striated and cut plate from an unknown site of the North of Portugal. One describes the object, documents his parallels and discusses the morphological, technological, functional and contextual aspects of this typical jewellery of the Initial Bronze Age with recognized Atlantic dispersion.

As lâminas de tiras passam por ser uma das manifestações mais características das produções metálicas dos princípios da Idade do Bronze na fachada atlântica continental, nomeadamente nas zonas ibérica e gaulesa. Estas jóias são conhecidas na literatura arqueológica especializada sob várias designações, com nomenclaturas que não escondem uma evidente falta de acordo entre os investigadores, relativamente à sua variada localização anatómica: fronte (*diademas*), pescoço (*colares*, *gargantilhas* ou *gorjeiras*), braço (*braceletes*), pulso (*pulseiras*), dedo (*anéis*), perna (*jarreteiras*)... A heterogeneidade métrica dos diversos exemplares conservados permite na prática uma razoável defesa de todas e cada uma das hipóteses assinaladas, se bem que a maioria dos investigadores inclina-se, no caso das peças maiores, para um uso à volta do pescoço.

A caracterização formal destas jóias de tiras define-as como lâminas áureas de feitio normalmente cilíndrico e desenvolvimento subrectangular, com estruturação ornamental ternária, protagonizada no módulo central por uma série de tiras recortadas paralelas, acabando por oferecer variadas soluções no sistema de fecho. A decoração dos módulos distais realiza-se normalmente por repuxado ou pontilhado, com motivos geométricos simples, formando linhas direitas, curvas ou em dente de serra. Nos extremos destas jóias aparecem com frequência pestanas, aletas, linguetas ou perfurações enfrentadas aos pares, se bem que também conhecemos peças em que o sistema de fecho não se encontra muito bem definido, supondo-se que a curvatura da própria lâmina, ajustada ao corpo do seu por-

---

1 Lois Ladra, bolseiro da "Fundación Pedro Barrié".

2 Armando Coelho F. Silva, Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

3 Maria José Sousa, Museu do Ouro de Travassos, Póvoa de Lanhoso.

tador, actuaria como elemento de fecho. A sua colocação sobre o corpo efectuar-se-ia com as tiras recortadas em posição central para a frente, enquanto os cabos e o fecho ficariam na parte posterior.

Relativamente aos recursos tecnológicos implementados na elaboração destas peças, tudo parece indicar uma recolha artesanal de ouro aluvial em quantidade suficiente como para obter posteriormente um núcleo por fusão, que seria esticado por sucessivas martelagens e recozeduras até formar uma banda com as dimensões desejadas. Esta lâmina seria depois recortada perimetralmente com um objecto sólido de gume afiado, eventualmente de sílex. Posteriormente, praticar-se-iam os cortes, normalmente pelo anverso da peça, para obter as tiras centrais. Quando estas adoptam um feitio em meia cana, o repuxado efectua-se pelo reverso da peça. Finalmente, proceder-se-ia à sua decoração por puncionamento desde a face interior, à definição do sistema de fecho e a um acabamento superficial por polimento mais ou menos cuidado.

Sobre a sua origem formal, Déchelette (1928, II: 358) já sugerira no seu tempo que os antecedentes morfológicos mais claros que se podem facilmente deduzir para este tipo de peças seriam os colares de coiro com tiras recortadas transversalmente. Por sua vez, Monteagudo (1953: 298) defendeu para estas formas uma inspiração original em gargantilhas e braceletes de lumaquela, proposta de difícil aceitação face à carência deste tipo de elementos nas zonas em que aparecem registadas as lâminas áureas de tiras. O certo é que, para o Noroeste peninsular, se constata a existência de certos precedentes em lâminas de ouro, lisas ou decoradas, adscritas ao Bronze Inicial e com presença contrastada em sepulturas, como a da Veiga dos Mouros, de Vilavella (As Pontes), Quinta da Água Branca (Vila Nova de Cerveira), etc.

Nada sabemos com certeza e para a totalidade dos achados conhecidos, sobre a pertença sexual destas jóias, pois carecemos de evidências relativamente a este propósito. A discussão já é antiga, pois alguns dos primeiros autores que deram a conhecer este tipo de peças defendiam que, contrariamente à ideia de que estas jóias teriam sido de uso masculino, na realidade corresponder-se-iam com *diademas de mulheres* atendendo às suas dimensões (Barreiro, 1888: 34). O certo é que, na ausência de qualquer tipo de prova determinante, a hipótese de maior aceitação actual entre os investigadores relaciona a presença simultânea de armas e adornos deste tipo com uma imagem masculina ligada à função simbólica do guerreiro.

Em relação ao seu uso na *esfera dos vivos* ou no *mundo simbólico dos defuntos*, também assistimos à falta de unanimidade entre os especialistas. Sendo certo que algumas destas jóias têm aparecido em contextos claramente funerários e que em alguns casos "*pode suxerirse que cando menos diademas e gargantillas estivesen expresamente desenhadas para ser depositadas nos enterramentos sen que existise un uso previo*" (Bóveda, 1998: 144), também não faltam autores que assinalam a presença de *signes d'utilisation* para outros exemplares conhecidos (Eluère, 1982: 67). Particularmente, somos da opinião de que só um estudo pormenorizado que atenda à presença ou ausência de marcas de uso em cada um dos elementos registados poderá oferecer nova luz sobre esta questão. Uma terceira possibilidade a ter em consideração seria a de um uso pontual e restrito destas peças por parte dos seus proprietários em determinadas cerimónias rituais de carácter público, com deposição votiva depois da morte dos seus portadores, acompanhando o defunto no fim do seu ciclo vital terreno.

Tendo em consideração que carecemos dos dados métricos e ponderais para algumas das jóias de tiras conhecidas e que, entre os numerosos trabalhos relativos às mesmas se notam certos erros e contradições em função dos autores consultados, entendemos ser

oportuno efectuar uma aproximação de carácter mais contextual, procedendo a uma relação de achados com paralelos formais para a jóia que damos a conhecer, incidindo especialmente na caracterização arqueológica dos sítios de proveniência, nas circunstâncias em que se produziram as descobertas e na composição das mesmas, como segue (Fig. 1 e 2):

**1. Roc'h Guyon (Rondossec, Plouharnel, Morbihan, Bretanha):** Achado localizado em contexto funerário e composto por duas jóias deste tipo depositadas no interior de um recipiente cerâmico "*protégé par quelques pierres sèches*" (Briard, 1965: 69). Recuperado no decurso de escavações efectuadas em 1849 (Monteagudo, 1953: 301-302), o local exacto corresponder-se-ia com um *tumulus* (Déchelette, 1928, II: 358), que acolheria *três dolmens de corredor*, no interior da câmara de um dos quais, o mais setentrional, se teria realizado a descoberta (Monteagudo, 1953: 302). Este monumento megalítico foi caracterizado como "*composant de trois allées couvertes parallèles se terminant chacune par une chambre*" (Déchelette, 1928, II: 358). O túmulo foi visitado e desenhado por Luís Monteagudo em 1952, que informou do facto de "*en el medio de esta [da câmara] y rodeada de mampuestos apareció un tosco vaso negruzco conteniendo dos gargantillas (...) de oro con 12 tiras y sendas pestanas (...) en los extremos*" (Monteagudo, 1953: 302). Tendo em consideração todas estas informações, ignoramos a causa que levou Christiane Eluère (1982: 54, fig. 67 e p. 213, fig. 188, n.º 12) a caracterizar o achado como depósito. O recipiente cerâmico teria sido recuperado "*au milieu de cendres et de débris de charbon*" (Déchelette, 1928, II: 358). Se bem que um autor chegou a pensar que este tinha desaparecido (Briard, 1998: 116), o certo é que Ch. Eluère estudou no *Musée des Antiquités Nationales* os restos cerâmicos correspondentes ao mesmo. A referida autora classificou-o como *tasse hémisphérique* caracterizada por ser "*une écuelle à pâte épaisse de couleur sombre à dégraissant calcaire et micacé assez irrégulier (...) avec une grosse anse asymétrique à perforation transversale décentrée (...) la surface externe soulignée par deux arêtes assez marquées*" (Eluère, 1977: 410). O citado recipiente foi relacionado com as cerâmicas britânicas do tipo *Food Vessels*. Destas duas jóias, uma conserva-se no *Musée des Antiquités Nationales*, enquanto da outra, desaparecida, existe uma galvanoplástia nesse centro.

**2. Port-Saint-Père (Saint-Père-en-Retz, Loire-Atlantique, França):** Achado localizado em contexto funerário e composto por uma única jóia de tiras, associada a dois fragmentos de um torques de paletas, dois machados planos em cobre, várias pontas de seta e um recipiente cerâmico campaniforme (Eluère, 1982: 266). A descoberta, efectuada num "dolmen", ter-se-ia produzido em Junho de 1851 (Briard, 1965: 71). Marisa Ruíz-Gálvez (1979: 164) e Christiane Eluère (1982: 213, fig. 188, n.º 13) caracterizam este conjunto, apesar das informações contextuais precedentes, como "depósito". Blas (1994: 116) manifesta as suas dúvidas sobre as circunstâncias da descoberta deste achado, referindo-o como de "*contexto inseguro, aunque probablemente megalítico*". Um dos machados associados a esta lâmina de tiras foi estudado e caracterizado como "*hache plate assez régulière et à partie proximale rectiligne*" (Eluère, 1977: 410). Ignora-se o paradeiro actual da jóia de tiras.

**3. Arredores de Coulonges (Saint Laurs, Deux-Sèvres, Vendée, França):** Achado isolado, possivelmente composto por duas jóias, recuperado ao pé de uma árvore (Eluère, 1982: 278). A data aproximada desta descoberta oscilaria à volta dos anos 1846-1848, sem maiores pormenores sobre a possibilidade de existirem outros elementos recuperados em associação directa com as jóias ou sobre as características deposicionais do conjunto.

Eluère (1982: 213, fig. 188, n.º 16) caracteriza a descoberta como depósito, sem maiores explicações. Uma das duas peças conserva-se actualmente no *Musée de Niort*, enquanto a outra teria sido fundida pouco depois do seu achado.

**4. La Pierre Levée (Saint-Même, Charente, França):** Trata-se, sem dúvida alguma, de um dos achados pior conhecidos, pois apenas sabemos por referências antigas que se trataria de um fragmento de lâmina áurea análoga às de Roc'h Guyon, aparecido cerca de 1859, num dolmen (Eluère, 1982: 253). Ignoramos qualquer outro tipo de pormenores informativos sobre as características desta peça e as circunstâncias em que se produziu a sua descoberta. Apesar das citadas informações, que o referem como um achado em contexto funerário, Christiane Eluère (1982: 213, fig. n.º 17) classifica-o como depósito, sem maiores explicações. Ignora-se o seu paradeiro actual.

**5. La Mata'l Casare I (La Cobertoria, Sierra del Aramo, Astúrias):** Achado isolado recuperado em posição secundária e em contexto funerário, durante o transcurso de escavações arqueológicas efectuadas entre 1981 e 1987 (Blas, 1994). O sítio foi caracterizado como um túmulo megalítico construído em blocos de arenisca, de planta circular e grandes dimensões, o maior da necrópole homónima, que se situa a 1220 m. de altitude, em zona de forte desnível topográfico, ocupando actualmente uma superfície aproximada de 130 m<sup>2</sup>. A câmara megalítica foi descrita como sendo "*de tipo poligonal simple, subrectangular, techada con una gran laja de arenisca*" (Blas, 1994: 109). O anel, embora recuperado fora da câmara, procedia originalmente, em opinião do seu descobridor, do interior da mesma, pois esta tinha sido violada em tempos antigos.

**6. Cícere (Santa Comba, Corunha, Galiza):** Achado localizado em data incerta em contexto funerário, pois Monteagudo (1953: 292) refere que a descoberta se produziu numa *mamoá*, da qual desconhecemos as suas características gerais e adscrição cronológica. O conjunto de peças, recentemente recuperado e actualmente exposto no *Museu Arqueolóxico e Histórico do Castelo de San Antón* (Corunha) compõe-se de uma jóia de tiras e vários fragmentos laminares correspondentes a dois *diademas* lisos, uma *pulseira* de tiras e outros objectos indeterminados.

**7. Monte dos Mouros (San Martino de Oleiros, Toques, Corunha, Galiza):** Achado casual localizado em 1887 (Monteagudo, 1953: 298) ou princípios de 1888 (Balseiro, 1994: 37) em contexto pouco definido. A maioria dos autores refere-o incorrectamente como proveniente do concelho de Melide, vizinho do de Toques. A descoberta foi dada a conhecer em 1888, especulando-se inicialmente a possibilidade de o local do achado corresponder à área de influência de um castro ou com a de uma *mamoá*. Bernardo Barreiro relatou as circunstâncias em que apareceu este conjunto da seguinte maneira: "*En las inmediaciones de la antigua villa de Melide, los labradores, roturando un terreno (falda, sin duda, de algún castro) tropezaron con alguns oculta mámoa, medorra ó túmulo de antiqúsimos tiempos. Bajo el azadón aparecieron aquí y allí fajas metálicas de color pálido, latón sin duda, á las que no se dió importancia. Y diademas y cinturones de oro, y otros objetos célticos (â lo que parece por las referencias,...)*" (Barreiro, 1888: 33). Pouco tempo depois, outro investigador informou que "*(...) este importante hallazgo, del que solo se salvó una pequena parte, tuvo lugar al pié de una pena, de las infinitas que cubren el suelo en aquel punto (...)*" (Álvarez, 1888). Convém destacar que Balsa (1912: 8) criou uma gravíssima confusão

historiográfica ao referir erradamente o local deste achado como *Castro del Monte d'os Mouros*. O número total de peças que integravam originalmente este conjunto é-nos desconhecido, embora todas elas fossem aparentemente áureas e de estrutura laminar. As duas jóias de tiras recuperadas encontram-se actualmente depositadas no *Museu Provincial de Lugo*. A maioria dos autores aceita a associação entre estas duas peças de tiras e uma *pulseira*, embora Comendador (1996: 58-59 e 1998: 33-34) tenha recentemente chamado a atenção para as dúvidas que a tal associação apresenta, uma vez revistas as publicações antigas que referenciam este achado. Alguns autores têm caracterizado o local do achado como *túmulo funerário* ou *mamoá*, o qual não deixa de ser, à espera de uma possível contrastação empírica no campo, uma simples especulação.

**8. Campo do Xastre (Goiás, Lalín, Pontevedra, Galiza):** Achado localizado em contexto funerário, composto por uma *lámina áurea de tiras* e dois aros, também de ouro, maciços, lisos, polidos, fechados nas suas extremidades e que têm sido interpretados por todos os autores como sendo braceletes. Muitos investigadores referenciam incorrectamente este achado como proveniente de Agolada. O ano da sua descoberta teria sido 1920, de acordo com as informações fornecidas relativamente a este particular por Luís Monteagudo (1953: 300). As circunstâncias do achado foram referidas nos seguintes termos por Florentino Cuevillas (1926: 110), quando informa que o citado conjunto foi recuperado "*pol-os piós do contratista de obras Sr. Cachafeiro, que andaban por entón a abrir unha estrada provincial entre os dous pobos devanditos [Agolada e Lalín]. Xacían os ouxetos en cuestión atuados a regular fondura i-en compart de moitos anacos de barro cocido, que os achadores calificaron de ladrillo e que cicais fosen restos de algunha vasixa de pares grosas crebada pola presión das terras ou por calquer outro aicidente*". Convém destacar ainda que o local exacto do achado não está isento de polémica, pois, enquanto Cuevillas (1926: 110) defendeu que ficava *ô pé da aldeia da Golada*, a uns 20 km. a Norleste de Lalín, Monteagudo (1953: 300) refere o achado como tendo aparecido *cerca del Castro de Goiás, cuatro kilómetros Nordeste Lalín*. Os citados autores também não concordam nas medidas, descrição e cronologia proposta para estas peças. Relativamente ao debate sobre a proveniência exacta do conjunto, cumpre não esquecer que certos autores (Blas, 1994: 112), ao falarem do *brazalete de Castro de Goyás* (sic) podem induzir a erros de localização contextual se não procedermos a uma leitura atenta e contrastada de todas as fontes disponíveis. Filgueira e Garcia (1977: 91) identificaram positivamente e a partir de informações orais um grupo de túmulos situados no *Campo do Xastre* como sendo o local da descoberta. Sobre esta jóia de tiras, discordamos da opinião de Blas (1994: 112), ou afirmar que nesta peça "*no hay verdaderas láminas cortadas, sino una serie de medias canas repujadas*"; uma vez que a mera observação directa deste objecto ou da fotografia do mesmo publicada por Cuevillas (1926, est. XIX) confirma que estamos perante *tiras* recortadas pelo anverso e posteriormente repuxadas pelo reverso.

**9. AS Silgadas (A Canle, Bemil, Caldas de Reis, Pontevedra, Galiza):** Achado casual, claramente caracterizável como depósito heterogéneo de formação diacrónica e deposição sincrónica, tardia. Foi localizado em Dezembro de 1940 por Amalio Touceda Devesa, quando procedia à implantação de diversos esteios para plantio de vinha e delimitação de um prédio rústico. Concretamente, as características do local onde se produziu a descoberta foram recentemente descritas nos seguintes termos: "*La finca de As Silgadas se sitúal al Noroeste de la villa de Caldas, sobre una loma de suave cota, en la que se emplaza una*

*casa senorial rodeada de terras de labor, conhecida como A Canle. Quando se descobriu o depósito, se emplazaba entre un grupo de eucaliptos jóvenes, en el extremo de la elevación, y A Canle, tratándose de una estrecha franja de terreno. Es importante destacar que no apareció ningún tipo de recipiente conteniendo las piezas, tal y como había recogido Ruíz-Gálvez, tal vez de una información cruzada de Alfredo Garcia Alén, sobre la existência de un vaso trípode hemisférico, sino en el substrato de roca disgregada y a poca profundidad (unos 20 cm.). Tampoco aparecieron carbón, cenizas, ni ningún tipo de lecho artificial. La disposición que presentaban los objetos es la siguiente: sobre dos collares rígidos, de gran tamaño, en los que se ensartaban otros más pequeños, y en el espado dejado por ellos, descansaban tres vasos; en el interior del de mayor capacidad de éstos se guardaba un peine y sobre todo el conjunto estaba depositado el brazalete, collar o jarretera, constituido por una fina lámina" (Domato e Comendador, 1998: 14). O peso total do conjunto inicialmente descoberto tem sido alvo de diversas discussões entre os especialistas, oscilando entre os 30 e os 50 kg, se bem um recente estudo (Domato e Comendador, 1998:16) aponta, seguindo informações directas do seu descobridor, para os 27 kg. Actualmente, a parte conservada deste depósito no Museu de Pontevedra totaliza 41 elementos: "un aro grande rematado en paletas, 17 aros abiertos de forma elíptica, 1 aro abierto de forma triangular, 8 aros de forma elíptica y extremos cerrados, 3 fragmentos de barra, 1 aro de sección cuadrada, 2 cuencos de asa lateral, 1 jarra de asa lateral, 1 peine y 6 fragmentos de lámina de una posible gargantilla de tiras. Èste es el conjunto conservado, aunque se considera que se perdió otro aro grande, varios brazaletes y el resto de la diadema o gargantilla de lámina" (Domato e Comendador, 1998: 13). Os seis fragmentos da possível jóia de tiras colam dois a dois, sendo a morfologia original da peça, em opinião de vários autores, muito semelhante à do exemplar do Campo do Xastre. Convém destacar ainda que, para além dos recipientes áureos associados a esta peça, os aros têm sido interpretados como torques de paletas (os dois maiores, um deles hoje desaparecido) e braceletes (os menores).*

**10. São Bento de Balugães (Barcelos, Braga, Portugal):** Achado casual, localizado em contexto funerário em finais do século XIX, provavelmente antes de 1891, ano em que Estácio da Veiga o publicou no IV volume das suas *Antiguidades Monumentais do Algarve*. Neste trabalho, o citado autor refere a existência no local do achado de uma necrópole *com muitas sepulturas*, uma das quais contendo o diadema. A tumba foi descrita nos seguintes termos: "(...) era escavada no sólo; não se diz se tinha revestimento de lages toscas, como é provável, nem quaes eram as suas dimensões; ha, porém, lembrança de que estava orientada pela linha norte-sul. Não manifestou vestígio algum de cremação, mas um pó cinzento proveniente da completa decomposição dos ossos da pessoa ali sepultada. N'um angulo do topo do norte estavam quatro frechas de cobre acompanhadas de um diadema de ouro, e diz-se que mais nada continua" (Veiga, 1891: 46). Posteriormente a esta publicação têm-se produzido numerosos erros derivados de uma leitura pouco apurada do texto e da caracterização arqueológica do sítio: Monteagudo (1953: 301) chegou a afirmar que o achado aparecera "en un ángulo de la cabecera de una cista de inhumación". A partir daí, a maioria dos investigadores passariam a caracterizar a sepultura, de maneira completamente errada e sistemática, como sendo uma cista. Convém destacar ainda o facto de alguns autores (Suárez, 1990: 136; Balseiro, 1994: 37) terem confundido o número de lâminas de tiras com o de pontas tipo Palmela, fazendo-o assim passar erradamente de uma a quatro. O diadema, hoje perdido ao ter sido fundida a peça por um ourives (Vasconcelos, 1906: 367), seria o que mais se aproximaria da lâmina de tiras do Museu de Travassos em termos de definição contextual e associativa.

**11. Quinta do Vale de Moinhos (Almoster, Santarém, Portugal):** Achado localizado em data incerta sem contexto arqueológico bem definido. A maioria dos autores que referem esta peça não oferecem dados relativamente à sua caracterização contextual, embora alguns investigadores assinalem o duvidoso facto de a descoberta se ter produzido "*según parece, en un sepulcro individual*" (Blas, 1994: 114). Ignoram-se maiores pormenores sobre as circunstâncias deposicionais e a composição inicial deste achado. A citada lâmina de tiras conserva-se actualmente no *Museu Nacional de Arqueologia*, de Lisboa.

Para além dos casos assinalados, existem outras referências bibliográficas relativas a hipotéticos achados de jóias de tiras de carácter muito duvidoso, ou mesmo completamente erradas, como podem ser um de Guimarães, outro do Monte Urdiheira e outro da Irlanda, que citamos apenas por motivos de suporte documental:

### **1. Guimarães ? (Bouza, 1941: 382)**

Texto original: "(...) y tal vez dos (paralelos) desaparecidos en Guimarães, que tenían por acompañante a un brazalete formado por una lámina decorada entre dos aros en bolas terminales, que si bien no presentan forma troncocónica (...) tienen, sin embargo, de común, además de los adornos expresados, el cierre constituido por los cabos vueltos de la lámina".

### **2. Monte Urdineira (Macias, 1921)**

Não se trata de uma verdadeira jóia de tiras, mas sim galonada (Blas, 1994: 112). Hernando, 1983 considera-a dentro do grupo de jóias de tiras. Comendador 1996: 58 discorda. Poderia eventualmente ter dado lugar ao nascimento das jóias galonadas noroestinas.

### **3. Irlanda (Veiga, 1891: 49)**

Veiga refere a sua existência a partir da consulta bibliográfica de um trabalho de Worsaae (*La colonisation de la Russie et du nord scandinave*, p. 72, fig. 1) nos seguintes termos: "*Worsaae figura também uma gargantilha de ouro de cinco fitas, gravadas e presas a dois fechos terminaes de vistoso lavor, rematando no centro de cada um em botão conico, e diz pertencer à idade do bronze na Irlanda (...)*". Seria a primeira jóia de fitas localizada em território atlântico insular, não continental.

Servem estas notas para enquadrar a notícia de outra peça congénere, pertença do Museu do Ouro (Travassos, Póvoa de Lanhoso), cuja procedência é atribuível ao Norte de Portugal, concretamente à área do distrito de Braga, mas de que se desconhece o seu contexto arqueológico.

Esta jóia (Fot. 1-3) consiste numa placa laminar, muito fina, com 0,5mm de espessura média, de forma subrectangular com recortes curvilíneos nos extremos de um dos lados maiores, com 176mm de comprimento e 36mm de largura máxima.

A fragilidade da sua estrutura é reforçada pela decoração a repuxado, geométrica, com um eixo de simetria, e dividida em quatro campos sensivelmente da mesma dimensão: os dois centrais são preenchidos por onze tiras paralelas horizontais, em cada campo, perpendiculares ao eixo de simetria, realizadas no anverso pelo deslizar de cortante sobre desenho prévio de que ainda se reconhecem vestígios; os campos laterais têm um recorte côncavo num dos lados e são decorados por uma orla, a repuxado, que enquadra duas áreas, as internas lisas e as exteriores preenchidas por três segmentos de caneluras paralelas, também feitas a repuxado.

A simetria geral da peça não esconde o carácter artesanal do seu fabrico, notando-se menos rigor na exactidão dos recortes do perfil da placa, na standardização das tiras e na regularidade dos repuxados.

Embora a peça se apresente actualmente planificada, em utilização deveria ter forma tubular, com acoplamento das extremidades que são repuxadas de modo a unirem por sobreposição.

Congénera a outras que vêm sendo consideradas como adornos do pescoço, sendo utilizadas como gargantilhas, tal não deveria ser a função desta em razão do seu comprimento, de reduzidas dimensões para o efeito, acrescentando ainda, a estas observações, a fragilidade da lâmina, a inadequação do seu perfil ao colo e a inexistência de orifícios que permitissem a sua aplicação a tecido ou couro para essa função. A incomodidade das tiras e a falta de simetria do seu perfil não sugere também a sua utilização como bracelete, sugerindo-se a probabilidade do seu uso como aro de suporte de trança de cabelo.

Seja como for, esta jóia constitui mais um dado que testemunha a primeira etapa do significativo desenvolvimento da ourivesaria pré-histórica no Noroeste Peninsular, cuja especificidade morfológica, técnica e funcional, se manifesta no âmbito das relações que envolveram a fachada atlântica desde o Noroeste Europeu ao Ocidente Mediterrânico desde os inícios da Idade do Bronze.

O conjunto de que mais se aproxima é o do diadema da Sepultura da Quinta de Água Branca (Lobelhe, Vila Nova de Cerveira), associado a um braçal de arqueiro, anéis espirulados e aros em ouro e ainda a um punhal de lingueta em cobre arsenical e sobretudo a lâmina de tiras de S. Bento de Balugães (Barcelos), de similar tratamento técnico e associado a pontas tipo Palmela, que se reporta a contextos arqueológicos análogos melhor esclarecidos com a escavação de Chã de Arefe (Durrães, Barcelos), das suas imediações, que globalmente se poderá incluir no círculo de ritos funerários em cistas da *facies* de Atios (Brandherm, 2000), que nos transmitem o nível social mais elevado dessas expressões do Bronze Inicial na região.

## BIBLIOGRAFIA

- ÁLVAREZ, E. (1888): "Memorandum histórico. La villa de Melide y su comarca", *Galicia Diplomática*, Ano III, N.º 16, pp. 122-124.
- ARMBRUSTER, B. R. (1993): "A Gargantilha da Quinta do Vale de Moinhos", em B.R. Armbruster e R. Parreira, *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Coleção de Ourivesaria. 1.- volume: do Calcolítico à Idade do Bronze*, pp. 60-63. Lisboa, Secretaria de Estado da Cultura - Instituto Português de Museus.
- BALSA, R. (1912): "Orfebrería gallega", *Boletín de la Sociedad Espanola de Excursiones*, Tomo XX, pp. 1-19.
- BALSEIRO, A. (1994): *El oro prerromano en la provinda de Lugo*. Lugo, Deputación Provincial.
- (2000): *Diademas áureas prerromanas*. Lugo, Deputación Provincial.
- BARREIRO, B. (1888): "Descubrimientos prehistóricos. Diademas célticas", *Galicia Diplomática*, Ano III, N.º 5, pp. 33-35.
- BLAS, M. A. (1994): "El anillo áureo de tiras de La Mata'l Casare I y su localización megalítica", *Madrider Mitteilungen*, 35, pp. 107-122.
- (1999): "Asturias y Cantabria", em G. Delibes e I. Montero (Coords.), *Las primeras etapas metalúrgicas en la Península Ibérica. II. Estudios regionales*, pp. 41-62. Madrid, Instituto Universitario Ortega y Gasset.
- BOUZA, F. (1941): "El Tesoro prehistórico de Caldas de Reis (Pontevedra)", *Atlantis*, tomo XVI, pp. 370-385.
- BÓVEDA, M.ª J. (1998): "O ouro do Bronze en Galicia", em R. Fábregas (Ed.), *A Idade do Bronze en Galicia: novas perspectivas*, pp. 129-152. Sada, Eds. do Castro, Col. "Cadernos do Seminario de Sargadelos", n.º 77.



- BRANDHERM, D. (2002): "Zur Kultur der Alteren Bronzezeit im Nordwesten der Iberischen Halbinsel und ihren Atlantischen Beziehungen", *Madriider Mitteilungen*, 43, p. 22-60.
- BRIARD, J. (1965): *Les dépôts bretons et l'Age du Bronze Atlantique*. Rennes, Imprimerie Becdelièvre.
- BRIARD, J. (1998): "Flux et Reflux du Bronze Atlantique vus d'Armorique. Le Bronze Ancien", em S. O. Jorge (Ed.), *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?*, pp. 114-124. Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, Trabalhos de Arqueologia, 10.
- COMENDADOR, B. (1991-92): "Los inicios de la metalurgia: primeros testimonios de la provincia de Pontevedra", *Brigantium*, vol. 7, pp. 185-204.
- COMENDADOR, B. (1996): "El texto como pretexto: las gargantillas de tiras y los estudios sobre orfebrería en Galicia", em VV. AA., *El oro y la orfebrería prehistórica de Galicia*, pp. 55-63. Lugo, Deputación Provincial.
- (1998): *Los inicios de la metalurgia en el Noroeste de la Península Ibérica*. Corunha, Brigantium n.º 11.
- (1999): "Noroeste", em G. Delibes e I. Montero (Coords.), *Las primeras etapas metalúrgicas en la Península Ibérica. II. Estudios regionales*, pp. 9-39. Madrid, Instituto Universitario Ortega y Gasset.
- CUEVILLAS, F. (1926): "Novos eisemprais da ourivesaria prehistórica galega. Nota en col do Tesouro da Golada", *Bulletí de l'Associado Catalana d'Antropologia, Etnologia i Prehistória*, vol. IV, pp. 110-114.
- DECHELETTE, J. (1928): *Manuel d'Archéologie préhistorique et celtique. Tome II. L'Âge du Bronze*. Paris, Librairie Alphonse Picard et Fils.
- DOMATO, X. M. e COMENDADOR, B. (1998): "La historia dei Tesoro de as Silgadas (cómo se encontró y vendió el Tesoro de Caldas)", em X. M. Domato e B. Comendador (coords.), *El tesoro desencantado*, pp. 11-20. Caldas de Reis, Ed. Concello de Caldas de Reis.
- ELUÈRE, Ch. (1977): "Les premiers Ors en France", *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, tome 74, Études et travaux, fascicule I, pp. 390-419. ELUÈRE, Ch. (1982): *Les ors préhistoriques*. Paris, Picard.
- FILGUEIRA, X. e GARCIA, A. (1977): "Inventario de monumentos megalíticos", *El Museo de Pontevedra*, Vol. XXXI, pp. 49-130.
- HERNANDO, A. (1983): "La orfebrería durante el Calcolítico y el Bronce Antiguo en la Península Ibérica", *Trabajos de Prehistoria*, n.º 39, pp. 85-138.
- MACIAS, M. (1921): "importante hallazgo arqueológico", *Boletín de la Comisión de Monumentos de Ourense*, tomo VI, n.º 140, pp. 335-336.
- MONTEAGUDO, L. (1953): "Orfebrería dei NW. Hispánico en la Edad del Bronce", *Trabajos de Prehistoria*, n.º 87, pp. 269-312.
- PÉREZ OUTEIRINO, B. (1994): "Ourivería prehistórica do NW. Peninsular. Primeiras manifestacións", *Boletín Auriense*, tomo XXIV, pp. 17-44.
- PINGEL, V. (1991): "O tesouro de Caldas de Reis e a ourivería da época do Bronce", em VV. AA., *Galicia no Tempo*, pp. 43-58. Santiago de Compostela, Junta da Galiza. PINGEL, V. (1992): *Die vorgeschichtlichen goldfunde der Iberischen Halbinsel*. Berlím, Walter de Gruyter.
- RUÍZ-GÁLVEZ, M.ª (1979): "El Bronce Antiguo en la fachada atlántica peninsular: un ensayo de periodización", *Trabajos de Prehistoria*, vol. 36, pp. 151-172.
- SUÁREZ, J. (1990): "Gargantillas do Monte dos Mouros", *Galicia no Tempo*, p. 137. Santiago de Compostela, Junta da Galiza.
- VASCONCELOS, J. L. L. (1906): Comentário avulso sem título específico, *O Archeólogo Português*, vol. XI, p. 367. VEIGA, E. (1891): *Antiguidades monumentais do Algarve*. Vol. IV. Lisboa, Imprensa Nacional.

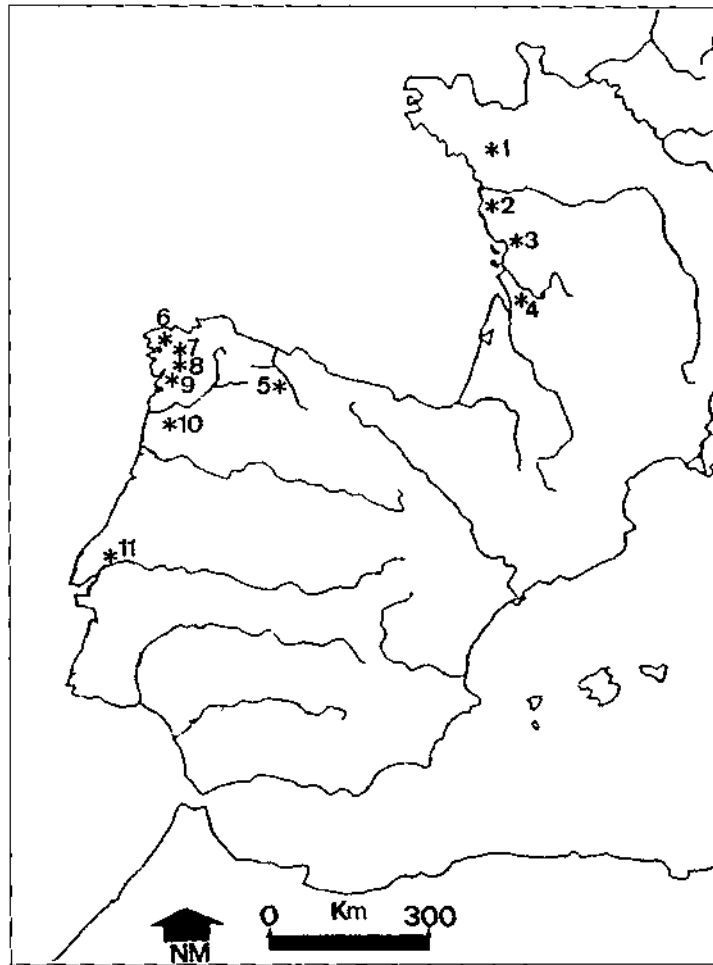


Fig. 1 – Achados de elementos áureos de tiras na fachada atlântica continental europeia: 1. Roc'h Guyon; 2. Port-Saint-Père; 3. Arredores de Coulonges; 4. La Pierre Levée; 5. La Mata'l Casare I; 6. Cícere; 7. Monte dos Mouros; 8. Campo do Xastre; 9. As Silgadas; 10. São Bento de Balugães; 11. Quinta do Vale de Moinhos.

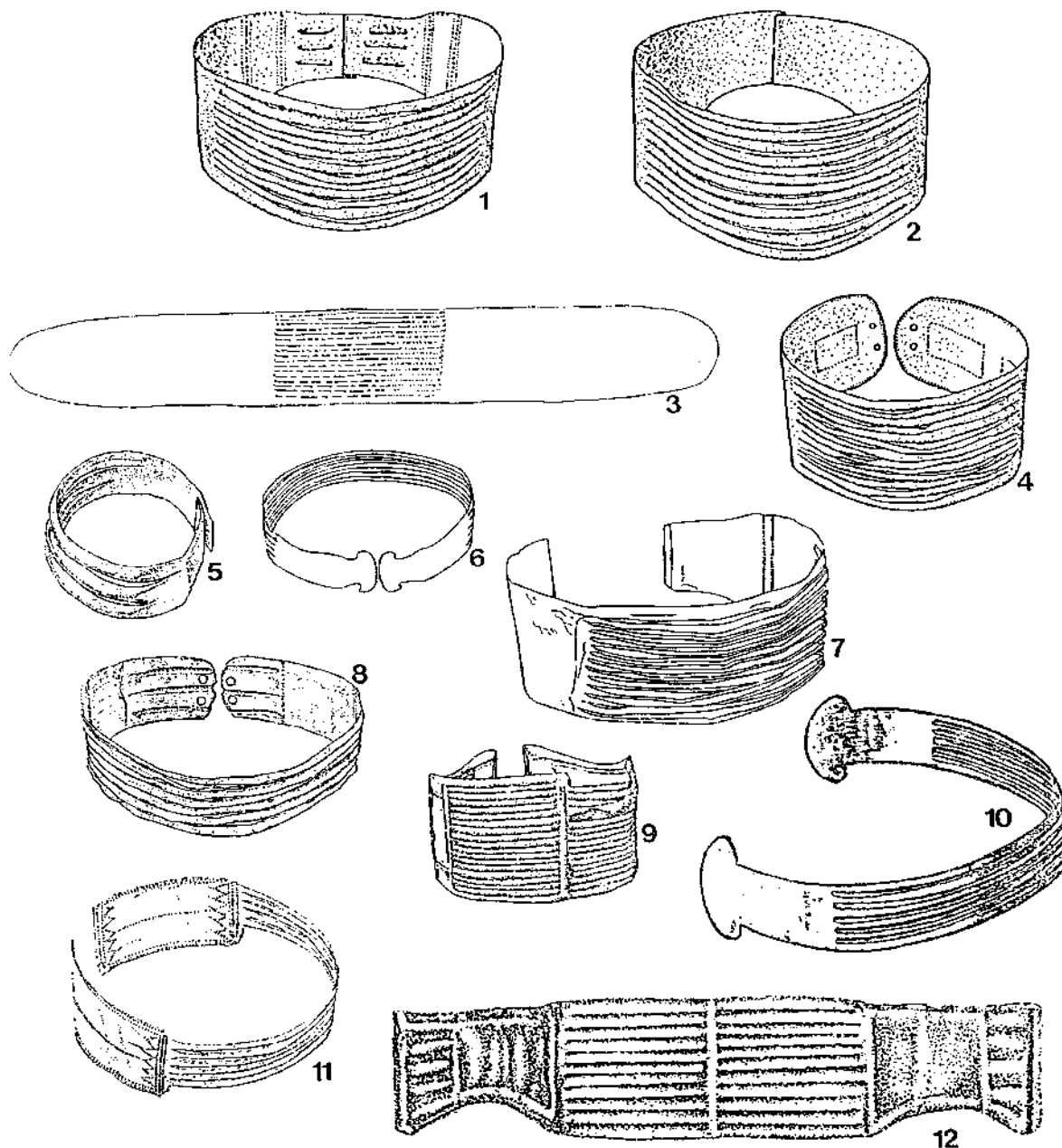


Fig. 2 - Elementos áureos de tiras na fachada atlântica continental europeia (sem escala): 1. Roc'h Guyon I (Briard, 1998); 2. Roc'h Guyon II (Briard, 1998); 3. Port-Saint-Père (Eluère, 1977); 4. Arredores de Coulonges (Briard, 1998); 5. La Mata'l Casare (Blas, 1994); 6. Cícere (Pingel, 1992); 7. Monte dos Mouros I (Pingel, 1992); 8. Monte dos Mouros II (Blas, 1994); 9. Campo do Xastre (Comendador, 1991-92); 10. São Bento de Balugães (Monteagudo, 1953); 11. Quinta do vale de Moinhos (Blas, 1994); 12. Proveniência desconhecida, actualmente no Museu do Ouro de Travassos.

#### RELAÇÃO DE ACHADOS DE JÓIAS DE TIRAS

01. Roc'h Guyon (Rondosse, Plouharnel, Morbihan, Bretanha)
02. Port-Saint-Père (Saint-Père-en-Retz, Loire-Atlantique, França)
03. Arredores de Coulonges (Saint Laurs, Deux-Sèvres, Vendée, França)
04. La Pierre Levée (Saint-Même, Charente, França)
05. La Mata'l Casare I (La Cobertoria, Sierra dei Aramo, Astúrias)
06. Cícere (Santa Comba, Corunha, Galiza)
07. Monte dos Mouros (San Martino de Oleiros, Toques, Corunha, Galiza)
08. Campo do Xastre (Goiás, Lalín, Pontevedra, Galiza)
09. As Silgadas (A Canle, Bemil, Caldas de Reis, Pontevedra, Galiza)
10. São Bento de Balugães (Barcelos, Braga, Portugal)
11. Quinta do Vale de Moinhos (Almoster, Santarém, Portugal)

